

Agnelli diz que Brasil puxa toda AL

Araújo Netto

Roma — O presidente da Fiat, maior industrial e homem mais rico da Itália, Gianni Agnelli, num encontro que teve com um grupo de jornalistas de todo o mundo, disse não acreditar que no Brasil possa se repetir o que aconteceu com a Argentina, que se liberou do dilema peronismo ou militarismo e voltou a um regime democrático.

Nada disso, porém, abala uma convicção antiga de Gianni Agnelli, por ele manifestada em diversas ocasiões e diante de todos os auditórios que o ouviram falar de suas idéias e planos para a América Latina.

— Os argentinos que me desculpem — repetiu o presidente da Fiat — mas eu continuo a achar que o Brasil ainda é o país que puxa, o que arrasta toda a América Latina. E essa é uma das explicações para a importância que atribuímos à presença da Fiat no Brasil — diz ele. Explicou também os investimentos crescentes que “lá continuamos a fazer, como a recente decisão de aumentar (em 1 bilhão de dólares) o nosso capital. A confiança que temos no Brasil nos dá a certeza do retorno desse capital”.

Muito bem-humorado e elegante, Agnelli, durante uma hora e meia, manteve — na sede da Associação dos Correspondentes Estrangeiros de Roma — o mais aberto diálogo, não deixou pergunta sem resposta, enfrentou com a maior franqueza todos os temas que lhe foram propostos. Da situação do Brasil e da América Latina falou com segurança e boas informações: sem esconder uma grande confiança no potencial e nas perspectivas que continuam a existir para povos como o brasileiro, o argentino e o mexicano. Mas sempre com o cuidado de evitar que a sua confiança pudesse parecer otimismo formal ou demagógico.

Evitando as grandes generalidades, distinguindo cada país e até mesmo cada uma das suas situações de crise, Gianni Agnelli tratou inicialmente do caso argentino:

— Antes de mais nada, devo dizer que ainda estamos um pouco surpresos mas certamente muito contentes porque a Argentina saiu da espiral que por muitos anos a colocou entre justicialistas e militaristas, entre sindicatos e soldados. Na minha opinião, uma boa parte do mérito disso se deve à Senhora Margaret Thatcher: porque, se não tivesse se verificado aquele conflito (das Malvinas) ainda hoje os argentinos estariam às voltas com militares e peronistas — disse. Acrescentou que, “para falar da nossa presença e experiência na Argentina não é possível esquecer os períodos da Presidência do General Videla e do Ministro da Economia Martinez de Hoz, como os que vieram depois deles. Foram períodos em que a indústria foi muito castigada. Antes que a Senhora Thatcher se transformasse na benemérita da nova estrada, perdemos muito com o autocarro”.

“Para defender-nos, associamo-nos com a Peugeot-Citroen. Continuamos a perder muito, o que levou os franceses a interromperem a sociedade, pagando-nos um “dote” pelas pesadas heranças que nos deixavam. Vendemos a fábrica de automóveis a um grupo argentino”.

No que a experiência da Fiat no Brasil se diferencia daquela feita na Argentina? Agnelli responde que uma grande lição que ele e seu grupo aprenderam no Brasil foi a de jamais se exaltar quando as coisas vão bem assim como é um erro se deprimir quando elas vão mal. No Brasil, desde o início, as coisas nunca estiveram como na Argentina.

Começamos em 71 nos tempos da Presidência Geisel, com um potencial de 200 mil carros por ano. Em pouco tempo, tínhamos superado as nossas melhores previsões: chegamos a ter 15% do mercado.



Jorge Gerdau criticou a interferência do Estado na economia
26 NOV 1983 JORNAL DO BRASIL



Aureliano cercado por Oliveira Santos (E) e João Donato